

## **Mundo das crianças versus mundo dos adultos em *O Gatola da Cartola***

### **Children's world versus adults' world in *The Cat in the Hat***

*Rafaela de Andrade Deiab* é graduada em Ciências Sociais e mestre em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo. Contato: rafadeiab@gmail.com

#### **Resumo**

A presente resenha do livro *O Gatola da Cartola* identifica na tensão entre mundo infantil e mundo adulto a principal chave de leitura e significação da obra. O contraste entre diversão e regra permeia toda a narrativa e trama. Além disso, o renomado autor Dr. Seuss, ao eleger um narrador criança e calibrar a linguagem nessa oscilação entre diversão e regra, captura os leitores mirins e adultos em busca de um desfecho, bem como promove uma reflexão sobre infância e controle. Palavras-chave: Literatura infantil, clássico, criança, adulto.

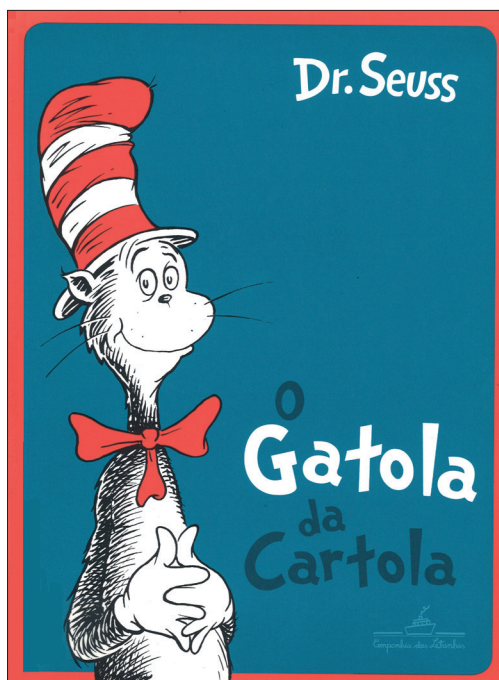
#### **Abstract**

This review of the book *The Cat in the Hat* acknowledges the main key to reading and meaning the book, taking into consideration the tension between children's world and adults' world. The contrast between fun and rule permeates the entire narrative and plot. In addition, the renowned author Dr. Seuss, by choosing a child as a storyteller and balancing the language between fun and rule, captures child and adult readers in search of an outcome, as well as promoting a reflection on childhood and control.

Key words: Children's literature, classic, child, adult



Analiso aqui a obra *O Gatola da cartola*, de Dr. Seuss, publicado pela Companhia das Letrinhas em 2018. Comecei a refletir sobre a obra do autor muito recentemente quando de sua republicação. Essa edição é bilíngue e tem uma ótima tradução feita pela poeta contemporânea Bruna Beber. Confesso que a tradução anterior tinha envelhecido um bocado e me soava muito sisuda; talvez por isso a obra não tenha repetido aqui o sucesso que tem nos países de língua inglesa, onde Dr. Seuss, ou Theodor Seuss Geisel, é uma “espécie” de Monteiro Lobato da literatura infantil, autor de clássicos, extremamente conhecido e uma das leituras marcantes na infância de muitas gerações. A nova tradução coloca em evidência a diversão na obra, diversão essa que se expressa na dimensão da linguagem, na trama e numa proximidade da perspectiva infantil que se esbalda com uma boa folia, mas que também se lembra das regras sociais do mundo adulto...



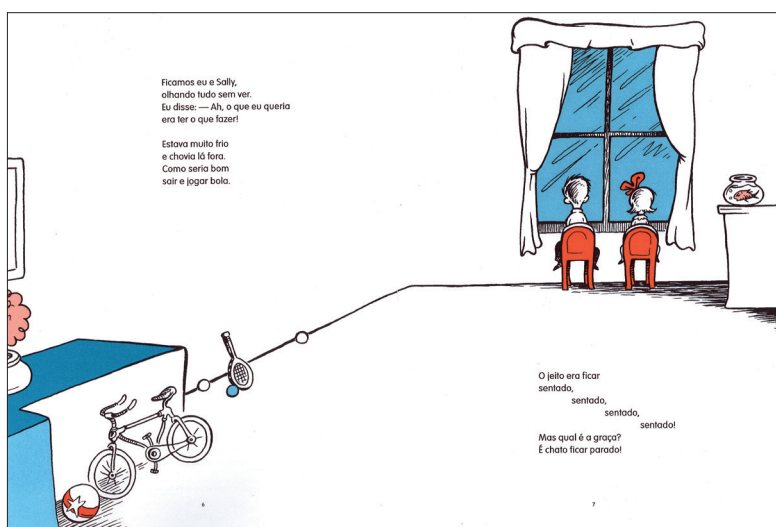
O livro traz uma aventura vivida por Sally e seu irmão não nomeado, o narrador, quando em um dia de chuva e frio que prometia muito tédio, sem a mãe em casa, são surpreendidos com a chegada do Gatola da Cartola – um gato estranho e pra lá de brincalhão. O texto é extremamente saboroso, uma prosa poética repleta de rimas divertidas, repetição, onomatopéias, MAIÚSCULAS e com exploração visual do texto poético. A leitura em voz alta garante boas



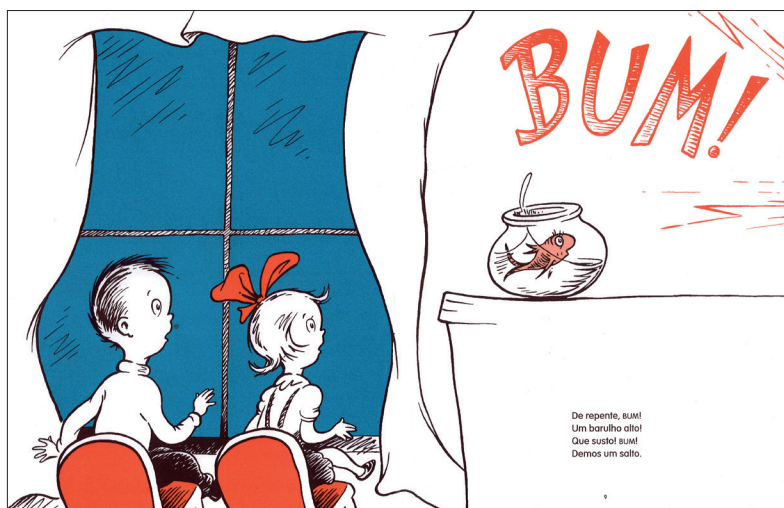


risadas e parece ser parte constituinte da experiência de linguagem desejada pelo autor. Arriscaria dizer que, para ele, leitura e brincadeira são termos muito próximos.

O início do texto localiza o narrador e ganha o leitor/criança num processo de identificação imediata pelo tédio do dia de chuva, dilatado pela ilustração com os pequenos sentados eretos diante da janela, com uma chuva de vento do lado de fora que verga a árvore e atinge com força a casa e o passarinho. A sensação se estende na virada de página, e temos a mesma imagem das crianças vista de dentro, com o texto escrito dessa forma:



A repetição amplifica ainda mais o efeito dramático do desgosto com a situação, ainda que a forma como está exposta na página a palavra “sentado” sugira uma ordem, uma escada, pois está numa trajetória descendente, numa espécie de prenúncio de que aquela condição está vindo “ladeira abaixo”. E a expressão “É chato ficar parado!” reforça isso.





É com surpresa e estardalhaço (“BUM”) que chega o Gatola da Cartola prometendo diversão, mágica e jogos. E consciente da condição sem-adultos da casa logo avisa: “Sei que a mamãe/ não vai se importar”. As crianças olham o bichano interessadas e o narrador diz: “Só eu e Sally, de novo. (...) Nossa mãe tinha saído e não disse quando ia voltar”. Aqui o mundo adulto e da regra é figurado exclusivamente pela mãe, e as ausências dela parecem ser frequentes...

A ausência dos mais velhos parece ser a condição para a diversão que se anuncia, ainda que a regra que a mãe simboliza esteja internalizada em muitos personagens da história, como percebemos ao longo da narrativa. E o narrador e sua irmã parecem oscilar entre os polos: crianças, diversão, bagunça, desordem, Gatola, fantástico e *nonsense* X mãe, medo, rotina, ordem, peixe, real e lógico. O peixe é o primeiro a atuar como uma espécie de super-ego “Ninguém pode ficar aqui quando a mamãe não está!”. O próprio Gatola tenta amenizar a situação dizendo que não há razão para o medo, mas o peixe não se convence e ainda encarnando o super-ego-mãe exclama: “Não posso correr perigo”.

Nessa história de aventura em que o jogo e a brincadeira da criança e a ordem do adulto são narradas, muitas situações e falas cotidianas da relação entre adultos e crianças são colocadas literariamente em perspectiva.

Na brincadeira de equilibrista do Gatola, ler e brincar se aproximam de múltiplos modos. No uso da linguagem, principalmente, a rima, a enumeração e a acumulação são expedientes que garantem a leitura, a participação, a antecipação e a potente diversão dos leitores de imagem ainda não-alfabetizados.

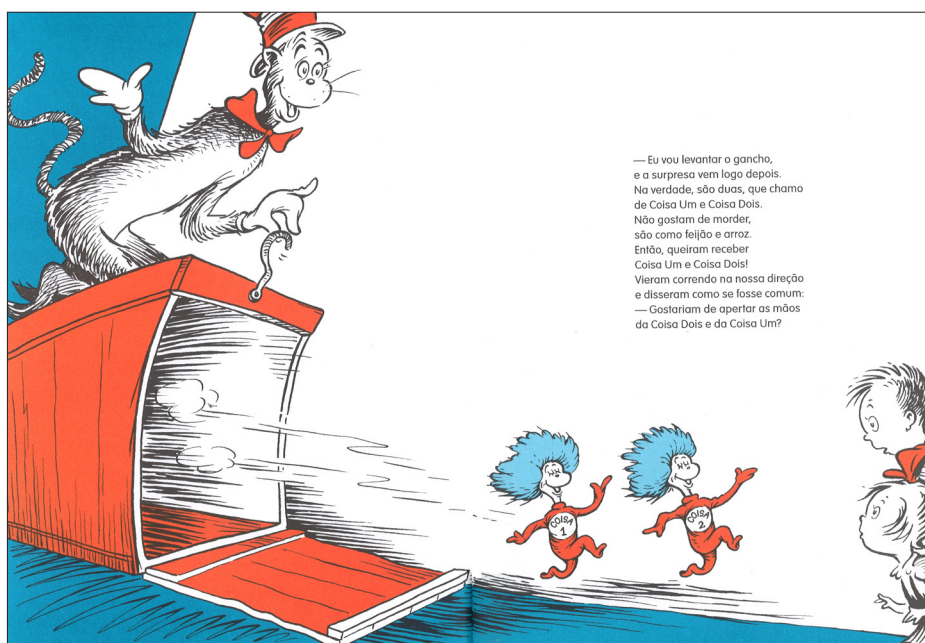






Para além disso o próprio Gatola põe os livros na brincadeira, ao equilibrá-los: “DOIS livros” e diz “Lá vai, AGORA, pronto! / Como é bom brincar! / É tipo ler um conto!”. Mas quando tudo desmorona é novamente o peixe-mamãe quem declara: “Não tem como gostar desse / jeito de brincar! (...) Olha só esta casa! / É bagunça pra todo lado! (...) Você NÃO DEVERIA estar aqui / quando a mamãe não está / Saia agora e é pra já!”

Mas o Gatola ainda insiste em ensinar outra brincadeira, uma mágica ilusionista. Introduce Coisa Dois e Coisa Um em tom de apresentador de circo de curiosidades de modo que não sabemos se são gente ou bichos.

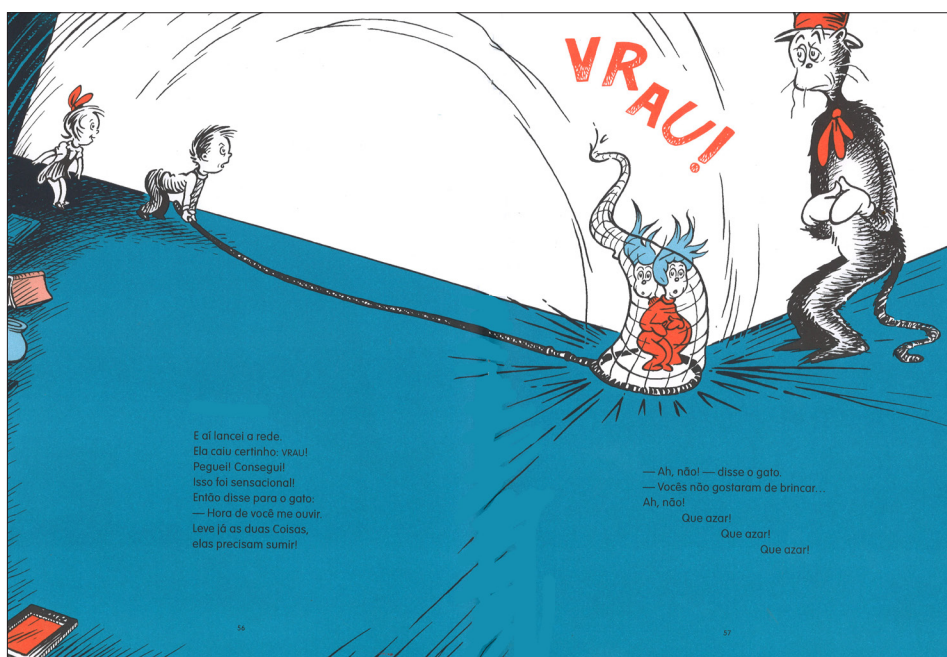


A ilustração corrobora a dúvida e o modo como o Gatola fala delas também: “Não gostam de morder, / são como feijão e arroz.” Apesar dos protestos do peixe, Coisa Um e Coisa Dois aprontam de tudo, pipa dentro de casa, derrubam várias coisas incluindo a geladeira e o vestido de bolas da mamãe, “um dos mais amados”. Apenas nesse instante o narrador sai da passividade de quem se divertia com as novidades e exclama: “Não gosto de brincar desse jeito! Se a mamãe visse isso, ia achar falta de respeito!”. Aqui ele expressa as regras já internalizadas pelo convívio afetivo com a mãe. Bagunça é bom, mas tem limite. E o limite é quando as Coisas ameaçam um objeto de afeto (vestido) de alguém que ele e Sally amam. O narrador faz as vezes de mãe, depois do peixe tê-la feito; e o Gatola e as Coisas atuam como as crianças indomáveis e teimosas...

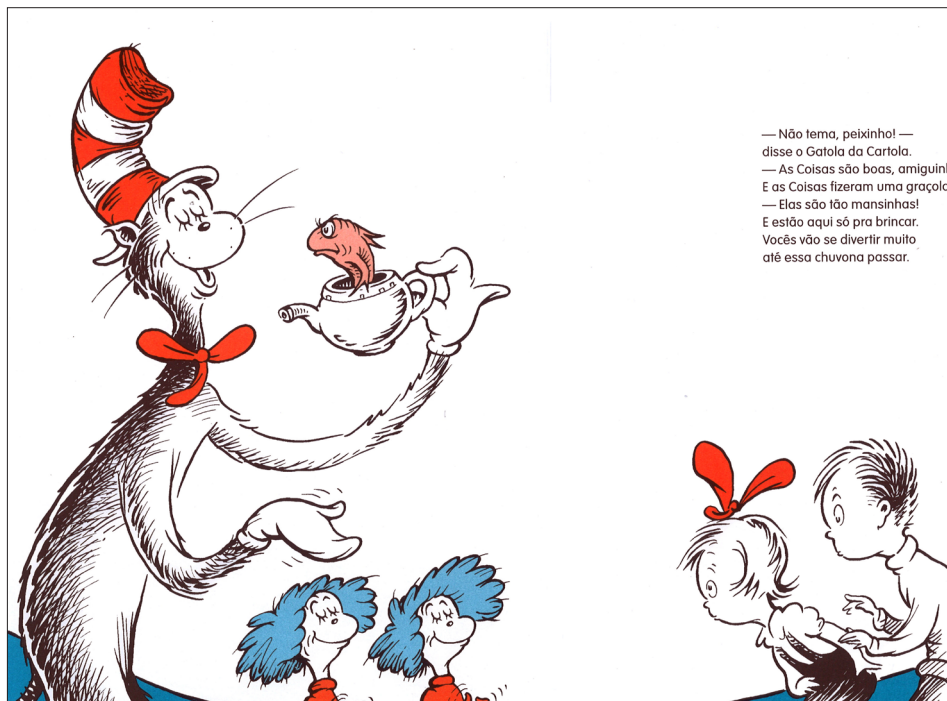
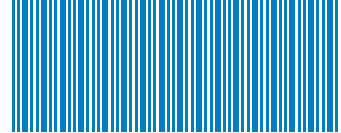


Em *O Gatola da cartola* não temos personagens infantis ultra-potentes, como Pippi Meialonga ou Emília, que não se submetem aos adultos e criam um mundo à parte fundado na força da criança, suas próprias regras e imaginação. Aqui a relação entre mundo infantil x mundo adulto, assim como as possibilidades e limites de diversão que lhes são inerentes parecem ser as principais chaves de leitura da obra.

Quando a mãe, prestes a chegar, é avistada pelo peixe todos se unem para “consertar o estrago”. O peixe comanda o narrador que faz seu descontentamento virar ação capturando as Coisas e enquadrando o Gatola: “Hora de você me ouvir./Leve já as duas Coisas,/ elas precisam sumir!” Aqui é o próprio narrador que faz as vezes do super-ego-mãe que ele próprio conhece tão bem e de perto.



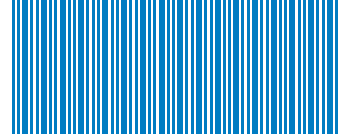
O Gatola fica visivelmente frustrado (como as crianças quando tomam bronca), com pálpebras, bigodes e mãos caídas: “Vocês não gostaram de brincar... Ah, não! Que azar! Que azar! Que azar!” Mas será que vai dar tempo de reestabelecer a ordem antes do mundo adulto chegar? Essa expectativa engaja o leitor, que vibra quando o Gatola volta e traz o inesperado, criativo, mágico para resolver a situação. A ambiguidade da personagem confirma que a diversão pode também acabar bem.



As ilustrações da obra parecem ter envelhecido um pouco. O traço de cartoon, sintético e carregado, traz poucas nuances e pouca expressividade às personagens, aspectos que o texto e a perspectivação do narrador evidenciam. Ao longo da aventura com o Gatola as crianças parecem frequentemente com caras assustadas, mesmo quando o texto indica diversão e bagunça.

A obra termina quase de maneira circular, retomando a ilustração do início com Sally e o irmão sentados à janela olhando a vida a passar... Será que a mãe teria tal pretensão e demanda de ordem? Será que desejava que seus filhos tivessem passado o dia todo olhando pela janela, bem postos e penteados? A mãe pergunta: - “Se divertiram? Me contem! /Como foi o dia da chubarada?” Pela pergunta ficamos em dúvida, não sabemos se ela está ciente da visita do Gatola; se, conhecendo os filhos que tem, sabe que seriam incapazes (como qualquer criança) de ficarem sentados o dia todo; ou, ainda, se possui (talvez como todas as mães) desejos conflitantes: quer que as crianças se divirtam, mas mantendo a casa organizada.

E o desfecho evoca explicitamente o leitor para o debate ético entre interdito, contravenção, limite e intimidade infantil, imaginário, delírio e infância. “Será que deveríamos contar/o que tinha acabado de acontecer?/Contar ou não contar? /E se a gente contasse? /Bem... /Será que VOCÊ contaria /se a SUA mãe



perguntasse?” Aqui a perspectivação do jogo cênico entre adultos e crianças expresso na narrativa se revela diretamente ao leitor, que é instado a refletir nesse final aberto que aponta para ele: que relação você, leitor, tem com as ordens ordenadoras dos adultos? Você confia neles para compartilhar as bagunças? Eles admitem brincadeira, diversão, vida, espaço psíquico e criativo para além deles, e de suas regras?

Em tempos de abuso infantil, discurso da segurança, vigilância, quais os limites e espaços para o segredo, para o mundo próprio da brincadeira, do amigo imaginário, da fantasia e da bagunça, tão saudáveis às crianças? É possível equilibrar esse mundo próprio, íntimo, fantasioso, lúdico e bagunçado do universo infantil com uma segurança afetuosa, garantida por limites justos vindos do mundo adulto?

## REFERÊNCIA

SEUSS, Dr. *O Gatola da cartola*. Bruna Beber (trad.). São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

Recebido: 16/12/2019

Aceito: 04/01/2020

